

JORNAL: Diário da Noite LOCAL: Quomabara

DATA: 07/02/1956 AUTOR: H Pereira da Silva

TÍTULO: Santa Rosa

ASSUNTO: Santa Rosa e uma frase pitoresca de Freud

instituto

Com o advento do modernismo — por sinal um tanto senil a esta altura da evolução plástica — surgiram, entre nós, alguns nomes menos efêmeros do que as escolas destinadas a perecerem antes dos seus fundadores. Portinari, Segall, Di Cavalcanti, Djanira, Guignar, Milton Da Costa Bandeira, Burlakoff, Clóvis Graciano, Livio Adamo, Pancetti, Cicero Dias, mais um ou outro não mencionado, sobrevivem à decadência das manifestações artísticas e têm em ascensão.

A arte de Santa Rosa o fixou na pintura nacional, fazendo da sua figura um marco e não um vulto passageiro. As pesquisas, as inquietações, a procura de um sentido menos convencional para as suas composições, colocam a crítica diante de um espírito não submisso às regras estabelecidas, aceita sem a aprovação da personalidade criadora. Há nas suas telas, é bem verdade, influências diluídas ao contáto da palheta. A de Diego Rivera, se recuarmos um pouco na apreciação da sua obra, parece-nos a mais importante e visível. Santa Rosa — sem ter sido envolvido inteiramente pela contagiante afirmação do grande pintor mexicano, tão grande que nem Portinari conseguiria esconder a impressão profunda que ela lhe causou — imprimiu em grande número dos seus trabalhos, de mistura com o seu modo de ver e sentir, alguma coisa que a sua sensibilidade reteve na transmissão dos valores recebidos.

Santa Rosa não se limita a mexer com as tintas, faz da sua existência uma dinâmica apa-

Formas & Cores

H PEREIRA DA SILVA

SANTA ROSA



rição no mundo das artes. Crítico, cenarista, professor, jornalista, ilustrador, o trabalho fustiga-o dia e noite. Será esse um meio de fugir de si mesmo? A insatisfação — sabe-se disso até por intuição — caracteriza a alma do artista. O conformismo traz o vírus da mediocridade. A busca incessante da originalidade é o seu primeiro dever. A repetição é a porta trancada à inspiração. A pintura aprisionada às limitações cômodas dos artistas lerdos ou estacionários, termina por sucumbir como o pássaro enjaulado que tem diante de si o infinito para voar.

Integrando-se nos movimentos mais avançados a que a pintura se projeta no início turbulento da segunda metade do nosso século, Santa Rosa, mesmo colocando-se em posição definida no duelo figurativista e abstracionista, compreende a inevitável marcha dos acontecimentos pictóricos. Dos antigos aos modernos consolidados através do tempo, difícil seria definir os clássicos sem dividi-los em duas partes distintas e paradoxais: a do passado e a da nova geração. Santa Rosa, embora a instabilidade das escolas não permitam uma fixação definitiva, filia-se a esta última. Ele é um novo clássico pelo menos para os novíssimos pintores da inconformada pleiade que o sucede ávida de novidade.

AVISO AOS NAVEGANTES

“A arte moderna já tem artistas velhos”, é o que nos diz o caçula Ivan Serpa.

Diário da Noite 7-2-1956